

A VIDA, A ESCRITA E A HISTÓRIA NO ROMANCE *UNVOLLENDETE GESCHICHTE*, DE VOLKER BRAUN

Márcio José Coutinho ©

RESUMO

Unvollendete Geschichte é um romance em que está representada a ação do regime socialista sobre a vida das pessoas na RDA. Karin, a filha do presidente do conselho do distrito de K., é forçada a separar-se de seu namorado, Frank, porque ele se corresponde com o lado ocidental da Alemanha. Mantendo contato com o lado capitalista, o jovem é considerado inimigo do socialismo. Karin trabalha na redação do jornal, onde tenta, enquanto intelectual, dar voz à classe trabalhadora. Neste trabalho, tento analisar de que forma, através da polissemia da palavra história (história como conjunto de eventos de uma vida, como narrativa escrita, e como processo histórico), o autor prevê uma abertura às mudanças sociais que, por meio da atividade humana, possibilitam a construção de uma nova história.

PALAVRAS-CHAVE: Unvollendete Geschichte, escrita, história

INTRODUÇÃO

Um ponto final marca normalmente o final de uma história. Um ponto final na história (e ponto final pode não apenas significar fim, mas também fechamento) pode ter sido o *idealismo* hegeliano e *mesmo o materialismo contemplativo* que na obra **A essência do Cristianismo**, de Ludwig Feuerbach, serviu de caminho para a superação definitiva da filosofia idealista. O materialismo contemplativo de Feuerbach foi revolucionário, porém teve o defeito de “apreender o mundo sensível enquanto objeto ou intuição e não como atividade humana concreta.” (GORENDER, 1998: XXXVI). Por contentar-se em ver o mundo em sua imutabilidade sem conceber a possibilidade de transformá-lo (Idem, *Ibidem*), o materialismo contemplativo não

é suficiente para superar a inércia que envolve as questões sociais: a impossibilidade de ascensão social é justificada pela filosofia existente até então. Desde a Idade Média, o homem se reprime e se conforma com sua condição por acreditar que seu destino está submetido à vontade de Deus.

As lutas da classe burguesa lhe permitiram ascender e destituir a aristocracia de sua posição de classe dominante. Porém essa ascensão conferiu à burguesia o mesmo poder de exploração que os aristocratas possuíam até então. A grande diferença entre as duas classes reside na estrutura social a que se vinculam: a aristocracia pertence a uma sociedade essencialmente rural em que os nobres exploram grandes extensões de terras através da mão de obra camponesa. A burguesia pertence a uma sociedade essencialmente urbana e explora os operários que trabalham na atividade industrial tanto através do valor do salário e da jornada diária de trabalho quanto do preço da mercadoria posta no mercado.

Conforme Karl Marx a história se fundamenta na luta de classes. Neste sentido a luta da classe operária pode ser a força transformadora da história. Ao conceber o “materialismo histórico”, Karl Marx sustenta filosoficamente essa luta, pois a premissa de que parte não é a Idéia mas sim “os indivíduos humanos reais, sua ação e condições reais de vida” (Gorender, 2002: XXIV). O “materialismo histórico” permitiu assim apagar o ponto final que o “idealismo” pusera na história e abri-la para

que através da luta das classes trabalhadoras pudessem ser feitas transformações sociais.

Essa luta é tema de algumas obras literárias produzidas na RDA, entre as quais destaca-se o romance **Unvollendete Geschichte**, de Volker Braun. Nesta obra, analiso o papel do intelectual, representado pelo personagem Karin, na luta junto aos operários.

1 Karin: eine Kämpferin

Karin pode ser considerada uma lutadora ("eine Kämpferin") devido ao olhar crítico que dispensa à situação social de sua região, à gradual tomada de consciência de seu papel enquanto agente social, e à sua *identificação* com a classe trabalhadora. Neste sentido, o fato de Karin trabalhar no jornal do distrito permite a ela desenvolver atividades intelectuais e aproximar-se por meio delas da classe trabalhadora. Enquanto intelectual, Karin ajuda a dar sustentação à consciência operária e, assim, construir uma abertura no processo histórico para que, através da luta das classes possam ser feitas mudanças sociais. Se o idealismo justificava a situação da precariedade, exploração e marginalização dos camponeses atribuindo este desfavorecimento às forças de Deus ou do destino, o materialismo histórico prega a possibilidade de reverter tal estado de coisas na medida em que atribui às forças do homem a responsabilidade pelo movimento da história. O materialismo histórico fornece às classes operárias as bases ideológicas para a busca da auto-afirmação. Para tanto o operário e o intelectual devem atuar juntos.

Na obra **Unvollendete Geschichte**, essa união do operário e da intelectual está representada através da adesão de Karin à causa socialista e sua aproximação com os trabalhadores:

Aos trabalhadores, como dizia o companheiro Lenin, que não conseguem obtê-la por si mesmos, a eles deve-se trazer a

consciência. [...] O jornal é agitador coletivo. E o organizador quando ele põe os trabalhadores em ação. Os trabalhadores de qualquer maneira, mas agir historicamente eles não podem sozinhos. Mesmo sendo a mais progressista das classes eles precisam obter a consciência a cada dia. [...] Mas Karin estava há muito tempo convencida. Ela se pôs então a trabalhar. (BRAUN, s.d.: 22).

Através do jornal, o intelectual põe-se ao lado do trabalhador, fornecendo-lhe todos os dias elementos que lhe avivem a consciência, pois o sistema de trabalho (o qual é uma manifestação do sistema de poder) a que o proletário está submetido age no sentido de inibir o desenvolvimento de uma consciência.

Karin, enquanto intelectual, não representa as massas, mas luta ao lado destas no momento em que se interessa pela causa dos trabalhadores das fábricas do distrito de K. Com respeito a isso, Michel Foucault afirma que a politização de um intelectual era feita tradicionalmente a partir da sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista e na ideologia produzida ou imposta por ela; e a partir da ação de seu discurso que, ao revelar uma verdade, descobria relações políticas onde normalmente elas não eram percebidas. Nessa concepção, cabia ao intelectual dizer a verdade àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la. Entretanto, conforme as considerações do teórico francês, as massas não precisam do intelectual para tomar consciência e sim para lutar ao seu lado contra um sistema de poder que barra, proíbe e invalida o discurso e o saber delas contra um sistema de poder que penetra profunda e sutilmente na trama da sociedade. (FOUCAULT, 2003: 70). O jornal tem a função de difundir ideologias.

Por estar convencida de que os trabalhadores devem se expressar, Karin entrevista uma senhora da classe operária a

respeito das suas condições de vida e trabalho e das possibilidades de se tomar parte em mudanças sociais. Através do discurso da trabalhadora pode-se formar uma idéia das condições de produção e de trabalho enfrentadas nas fábricas.

Uma jornada de trabalho agitada e desorganizada, uma força de trabalho não qualificada e uma tecnologia não dominada permitiam que nosso monte de refugio crescesse. Ninguém estava satisfeito, todo mundo estava nervoso. Sempre havia brigas. [...] Isso também tinha conseqüências sobre a vida familiar. Aquilo que se engolia na fábrica devia ser cuspidado à noite, tanto que ainda se sobrecarregava o parceiro e desestabilizava também o casamento. Em nenhum lugar se alcançava tranqüilidade. Era uma vida nem um pouco razoável.ii (Idem: 24)

A transição do discurso da trabalhadora permite representar a experiência da classe proletária, mostrando de maneira mais clara a situação dessa classe. A incorporação da voz da trabalhadora no discurso narrativo confere um grau de autenticidade ao romance que contribui para o caráter engajado de **Unvollendete Geschichte**. A menção à jornada de trabalho agitada e desorganizada, à força de trabalho não qualificada, e à tecnologia não dominada que marcam as condições de produção, e às dificuldades que perpassam a vida dos proletários dão indícios da situação histórica da classe operária. Karin, enquanto manifestação intelectual, demonstra interesse pela situação histórica do proletariado.

A trabalhadora revela também o grau de consciência já adquirido pelo proletariado que trabalha na fábrica em K. Ela conta já estar formado um grupo de trabalhadores com o fito de iniciar a mudança, analisar as condições e estabilizar a produção. O emprego do artigo definido ("a mudança", "as condições", "a produção") na voz de uma proletária mostra ter ela, enquanto representação de sua

classe, plena consciência de seu lugar no conjunto histórico-social, dos seus objetivos e dos meios a serem empregados para alcançá-los:

Não é assim, que os responsáveis observavam passivos na fábrica. Nós já formamos um grupo de trabalhadores para iniciar a mudança, analisar as condições [de trabalho] e estabilizar a produção. Em primeiro lugar, foi claramente reconhecida a tarefa de fazer tudo para o bem do ser humano e para melhorar, passo a passo, as condições de vida e de trabalho.iii (Idem: 24-25).

Karin dá voz a uma pessoa que sabe qual é o ponto de partida para uma mudança: "A situação mudou".iv (Idem. Ibidem). Essa possibilidade de mudança social é a abertura para uma continuidade na história, é a remoção do ponto final representado por uma concepção fechada, fatalista e imutável do processo histórico. Essa questão é elaborada em termos estéticos por Volker Braun ao escolher o título da obra: **História não acabada**, que pode sugerir o andamento e a eventual transformação no processo histórico; e ao finalizar o romance com um recomeço: a recuperação de Frank que, associada à gravidez de Karin, dá novos direcionamentos à sua vida.

2 E a história não acaba...

A vida de Karin está essencialmente ligada a dois elementos: o processo histórico e o ato de escrever. Em outras palavras, Karin está inserida em um contexto social caracterizado pela luta contra as situações de opressão e pela tentativa de compreensão e de reorganização de um mundo em que a poeira das duas grandes guerras ainda está sentando. Nesse ínterim, o ato de escrever é muito importante, pois os intelectuais e artistas procuram manter-se atentos e conscientes sobre as ideologias, as formas de poder e as falhas que permeiam as estruturas sociais. Ao representar,

intelectuais e artistas, lembram ao povo quem é ele e onde ele está. Assim, os intelectuais, os artistas e o povo tornam-se sujeitos históricos. Por isso Karin sabe que o setor de economia da redação do jornal é o seu lugar. “Uma escrivãzinha estava livre. Karin tomou comedida seu lugar, ela tomou seu lugar. Era o lugar que ela sempre desejava.”^v (Idem: 21).

Ao longo do romance, no entanto, são recorrentes as referências a textos que Karin não consegue concluir, pois finaliza com uma pergunta – “Como nós fizemos isso?”^{vi} (Idem: 25) – que se refere a como todos os trabalhadores da fábricas conseguiram fazer uma mudança. Essa pergunta é uma lacuna no discurso (eine unvollendete Rede), o que significa que os trabalhadores têm mais a dizer ou que estão construindo sua história. Em outro momento na redação, Karin precisa concluir um texto sobre o quadro das crianças queimadas de Napalm mas faltam-lhe palavras. Então ela volta com o papel para seu departamento e vê, sentado em sua cadeira, o chefe de redação que lhe exige separar-se de Frank. Ela sente-se confusa e percebe o quanto a pressão do regime, representado pela voz do pai e do chefe de redação pode tornar absurda a sua vida: “[Karin] não via absolutamente nenhum nexos entre as crianças vietnamitas e essa exigência para separar-se [de Frank].”^{vii} (Idem: 52). No entanto, assim como o seu texto não estava concluído, também a sua vida não era uma história fechada. Portanto, Karin tem a chance de reagir à massificação, decidir os rumos de sua vida e construir sua própria história: “Mas eu não sei o que penso. Nada mais me ocorre.”^{viii} (Idem, ibidem).

Karin acredita que o socialismo deve primar pelo bem do povo. Ela sabe, porém, que na RDA esse regime se desvirtuou tornando-se um instrumento nas mãos daqueles que exercem o poder. Karin sofre pelo contraste entre o mundo em que

nasceu – o mundo do poder – e o mundo em que projeta seus ideais – o mundo do povo, dos operários. Então ela rompe com os pais e passa a cuidar de Frank que ainda está enfermo no hospital. A falta de liberdade que lhe é imposta pelo pai (representação do regime), que tenta obrigá-la a identificar-se com o poder, torna a vida de Karin paradoxal. Ela precisa suportar sozinha o peso desse paradoxo, não tendo para quem contá-lo, uma vez que é incompreensível e inaceitável, em termos de cidadania e direitos humanos, a manifestação exercida pelo pai sobre ela:

Karin não podia contar em lugar algum tudo que acontecera com ela. Ela sentiu o paradoxo da sua situação, ou pelo menos quis senti-lo. Ela acreditou não ser ele compreensível. Pois quanto mais compreenderia agora, tanto mais insuportável seria. [...] Ela precisava conversar com alguém a respeito. No entanto, ela sabia que isso não tinha sentido. Portanto ela já sabia demais!^{ix} (Idem:83 - 84)

Então ela permanece ao lado de Frank porque “A história deles não podia terminar aqui”.^x (Idem: ibidem).

3 Um romance de engajamento e amor

Unvollendete Geschichte não é apenas uma história de engajamento político. É também uma história de amor. A luta de Karin não se restringe à defesa de suas convicções com relação aos operários. Ela precisa lutar também para defender seu amor por Frank. Num primeiro momento, o jovem não é bem aceito pelo pai de Karin. Num segundo momento, ele sofre um acidente e é internado por algum tempo.

No primeiro caso Frank é suspeito de envolvimento com o lado ocidental da Alemanha e assim é considerado um traidor do regime socialista da RDA. O pai de Karin, o presidente do conselho do distrito, representante máximo do regime socialista em K., ordena à filha que se separe do rapaz. O regime capitalista é considerado o

inimigo da classe operária (Der Klassenfeind) no socialismo. Ao corresponder-se com o lado ocidental, Frank se torna também um inimigo do socialismo, pois "Com o inimigo não se discute"^{xi} (Idem: 21). O contato com o outro lado era indício de insatisfação com o regime, de um desejo de transpor um muro "construído segundo a lógica ferrenha de um regime que temia ir à falência se continuassem as fugas em massa de mão de obra." (BOLLE, 1994: 37). O pai de Karin representaria o partido e o governo; Frank, a dissidência e a marginalização.

Porém o pai [disse]: Tu não sabes nada. Separa-te dele. Pensa em alguma coisa! Nós não podemos permitir semelhante coisa... Já essa família. Para nós isso é intolerável. Ela percebia o que a aguardava. A discussão ficaria ardente, a filha no fim agressiva, e o presidente do conselho do distrito descrevia Frank como criminoso que não tinha mais permissão para entrar no apartamento novamente.^{xii} (Braun, s. d.: 10)

No princípio, Karin aceita passivamente os desmandos do pai e inventa ter conhecido outro rapaz, pedindo a Frank que não mais a visite: "Pela manhã [Karin] telefonou para M. Ela disse em seguida: "Não vem para cá. Danny estava aqui. Nós nos entendemos de novo. [...] Eu não quero mais ficar contigo."^{xiii} (Idem: 11-12). Karin viajou como os pais para P. e então visitou Danny. O rapaz pareceu-lhe uma pessoa fria e isso a fez perceber que ela não podia aceitar aquela situação:

Então ele pareceu-lhe uma pessoa fria, que não se mexia. Ela não conseguia falar sobre nada. Ela só pensava em encontrar uma frase, uma pergunta, para dizer alguma coisa. Como a situação lhe era conscientemente tão embaraçosa, nada lhe vinha ao pensamento. Quanto mais ela procurava em si, mais vazia ela se sentia.^{xiv} (Idem: 13)

De certo modo, Danny simboliza a submissão de Karin ao autoritarismo do pai e a submissão do povo ao regime comunista. Danny significa para ela a

negação dos seus valores e ideologias, a perda da autonomia e a anulação enquanto indivíduo.

Karin busca afirmação em Frank e escreve uma carta a ele. Na noite do Reveillon ela está no quarto, escrevendo. Seu pai a chama para comemorar a virada de ano. Reprendida por aparecer com os cabelos desfeitos sobre o rosto e vestindo jeans, ela responde ironicamente ao pai por tê-la pressionado a separar-se de Frank: "É suficiente para ser visto na TV."^{xv} (Idem: 14). Nesta passagem, os cabelos desfeitos poderiam simbolizar a inconformidade e a reflexão; a calça jeans, a luta pelos valores.

A pressão para que Karin deixe Frank estende-se para além dos limites familiares, para a vida pública da moça. Em seu trabalho, o chefe de redação exige de Karin que deixe seu namorado. Isso equivale a exigir dela que se submeta à massificação, que abandone seus ideais e convicções, que abdique de sua liberdade e autonomia enquanto indivíduo inserido e comprometido com a sociedade. Deste modo, o jornal não publica a matéria de Karin sobre a trabalhadora da fábrica. O jornal é um agitador político, um difusor de ideologias, mas também é um campo de disputas ideológicas. Se de um lado estão os intelectuais engajados em uma causa social que visa ao bem-estar do povo, de outro estão os dirigentes que podem estar interessados na manutenção do sistema; do mesmo modo, quando um escritor se engaja em uma causa social, este é perseguido pelos órgãos censores. A causa do povo é incompatível com os objetivos do regime. Por isso o regime exige que o povo seja posto em função do sistema e, para tanto, o intelectual deve mostrar somente o lado positivo desse sistema: mostrar a desorganização e as condições precárias de vida e trabalho dos operários de uma fábrica significa posicionar-se contra o Estado.

No segundo caso, o estado de coma de Frank após a tentativa de suicídio pode ser associado à situação de estagnação vivida na RDA. A economia do país estagnara na medida em que, devido à não competitividade do socialismo, deixara-se de investir em qualidade e produtividade. Karin pede férias ao jornal para poder cuidar de Frank. Como o chefe finge não saber quem é Frank, ela reage energicamente ao cinismo dele: “Dê-me uns dias de férias ou eu peço demissão. Para mim dá no mesmo”^{xvi} (Idem: 61).

Karin passa a morar com a mãe de Frank. Esta a aceita por saber que ela não abandonara Frank de propósito: fora forçada a isso. Em certo momento, ela sente-se envergonhada por ter adormecido sabendo que seu namorado poderia estar morto. Isto é indício da culpa que a moça carrega pelos empecilhos postos pelo sistema na vida do casal: “O que era então normal? E o que loucura? [...] Existem situações que se situam na fronteira [...], que não podem ser compreendidas.”^{xvii} (Idem: 65-66). Karin sabe ser a situação difícil de compreender, mas deve fazer frente a essa dificuldade.

No quinto dia das férias de Karin, Frank recupera a consciência e pergunta por ela: “Frank acordou. Depois dormiu tranquilo [...] A primeira coisa que ele perguntou foi se tu estás aí.”^{xviii} (Idem: 74).

Karin decide permanecer no hospital para cuidar do namorado: o peso das horas em silêncio no hospital indica a dimensão do esforço que Karin precisa fazer para ajudar Frank. É uma luta para salvar aquele em quem ela projetava a possibilidade de escapar às garras do regime, defender seus ideais e sua autonomia.

Karin está em seu quarto mês de gestação. Quando Frank recebe alta do hospital, o casal se encontra na saída do

prédio a caminhar junto pela calçada rumo a uma nova vida.

Karin quis apertar Frank contra si, mas ele cambaleava, ainda estava fraco. Ela teve medo que logo ele desmaiasse. Ela teve de segurá-lo. Eles ficaram abraçados na rua. [...] Seguravam-se pálidos e fitavam-se. [...] Eles não se soltaram.^{xix} (Idem : 98).

A gravidez de Karin, a recuperação de Frank e o ato de caminharem juntos dão um sentido de recomeço à história deles. E isso pode ser indício de novos caminhos, de uma possibilidade nova de construção da vida, da escrita e do processo histórico: “Aqui começavam, enquanto uma não havia chegado ao fim, outras histórias.”^{xx} (Idem: 98).

CONCLUSÃO

A partir da análise do romance, pode-se concluir que Volker Braun elabora, a partir da polissemia do vocábulo história, uma tentativa de desnudar a grande falha do regime socialista: submeter o povo à massificação, colocando-o em função do próprio regime. A narrativa apresenta a premissa de que a luta do intelectual junto à classe operária e a contestação de certas imposições que não levam em conta a autonomia do indivíduo enquanto cidadão e ser humano podem ser a base para a construção de uma história nova e de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAUN, Volker. **Unvollendete Geschichte**. Frankfurt a. M.: Surkamp, 1977.
- BOLLE, Willi. (Org.) **Antes e depois do muro**. São Paulo: FFLCH-USP, 1994.
- EMMERICH, Wolfgang. **Kleine Literaturgeschichte der DDR**. Darmstadt: Sammlung Luchterhand, 1981.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Introd. Jacob Gorender. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NOTAS

© Trabalho orientado pela Prof^a. Dr. Rosani Ketzer Umbach e desenvolvido pelo aluno Márcio José Coutinho, do 7º semestre do Curso de Letras, bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

i Den Arbeitern, die ja, wie Genosse Lenin sagte, ihr Bewußtsein nicht selber bekommen können, denen muß man es bringen. [...] Die Zeitung ist der kollektive Agitator. Und der Organisator, wenn sie die Arbeiter zum Handeln bringt. Arbeiter arbeiten sowieso, aber geschichtlich handeln können sie nicht von allein. Da sie aber die fortschrittlichste Klasse sind, müssen sie das Bewußtsein jeden Tag bekommen. [...] Aber Karin war längst überzeugt. Sie machte sich an die Arbeit.

ii Ein hektischer, unorganisierter Arbeitsablauf, unqualifizierte Arbeitskräfte und nicht beherrschte Technologie ließen unsere Ausschußberge wachsen. Keiner war zufrieden, jeder gereizt, und immer Streit. [...] Das hatte auch Auswirkungen auf das Familienleben. Was man im Betrieb schluckte, mußte man abends ausspucken, so daß man den Ehepartner noch belastete und die Ehe auch ins Schwanken kam. Man kann nirgends zu sich. Er war kein vernünftiges Leben.

iii Es ist nicht so, daß die Verantwortlichen im Betrieb dem tatenlos zusah. Wir haben eine erste Arbeitsgruppe gebildet, um die Wende einzuleiten, die Zustände zu untersuchen und die Produktion zu stabilisieren. Zuerst einmal wurde die Aufgabe klar erkannt, alles für das Wohl des Menschen zu tun und Schritt für Schritt die Arbeits- und Lebensbedingungen zu verbessern.

iv die Lage hat sich geändert.

v Ein Schreibtisch wurde freigeräumt, Karin nahm beklommen Platz, sie NAHM IHREN PLATZ EIN. Es was der Platz, auf den sie sich immer gewünscht hatte.

vi Wie haben wir das gemacht?

vii Sie sah gar keinen Zusammenhang zwischen den vietnamesischen Kindern und dieser Förderung, sich zu trennen.

viii Aber ich weiß ja nicht was ich denke, mir fällt nichts mehr ein.

ix Karin konnte nirgends erzählen, was mit ihr los war. Sie empfand das Paradoxe ihre Lage, oder wollte es empfinden; sie klammerte sich daran, daß das *nicht begreiflich* war. Denn je mehr sie jetzt begreifen würde, desto unerträglicher würde es werden. [...] Sie mußte mit jemandem reden, aber sie wußte doch, daß es sinnlos war. Also wußte sie schon zuviel"

x Hier konnte ihre Geschichte nicht enden.

xi Mit dem Feind diskutierte man nicht.

xii Aber der Vater: Du weißt nichts! Trenn dich von ihm, denk dir etwas aus! Das können wir uns nicht erlauben, solche Sachen... diese Familie allein, das ist für uns untragbar. *Sie werde schon sehn was kommt!* Die Unterredung wurde hitzig, die Tochter endlich aggressiv, und der Ratsvorsitzende stellte ihr Frank als Verbrecher dar, der die Wohnung nicht wieder betreten dürfte.

xiii Am Morgen rief sie in M. an. Sie sagte folgendes: » Komm nicht her. Danny ist hiergewesen. Wir haben uns wieder verstanden. [...] Mit dir will ich nicht mehr gehen «.

xiv Da schien er ihr ein kalter Mensch, der sich nicht rührte. Sie konnte über gar nichts sprechen. Sie dachte nur noch daran, einen Satz zu finden, eine Frage, um irgendwas zu sagen. Aber weil ihr die Situation so peinlich bewußt war, fiel ihr nichts ein. Sie wurde nur leerer, je länger sie in sich suchte.

xv Ihr Aufzug wurde gerügt, [...] zum Fernsehen reiche es.

xvi Geben Sie mir Urlaub, oder ich will die Kündigung, das ist mir gleich.

xvii Was war denn normal? Und was verrückt? [...] Es gibt Situationen, die selber and der Grenze [...] es ist nicht zu begreifen."

xviii Frank ist aufgewacht. Schlaf ruhig weiter. [...] Das erste, was er fragte – ob du da bist"

xix [Karin] wollte Frank an sich drücken, aber er taumelte, er war noch schwach. Sie hatte Angst, daß er gleich umfällt. Sie mußte ihn halten. Sie standen umschlungen auf der Straße. [...] Die Beiden hielten sich bleich aneinander fest. Sie starrten sich an. [...] Sie ließen sich nicht los.

xx Hier begannen, während die eine nicht zuende war, andere Geschichten.